

# O VALOR DA VIDA DA VIDA VALOR

entrevista

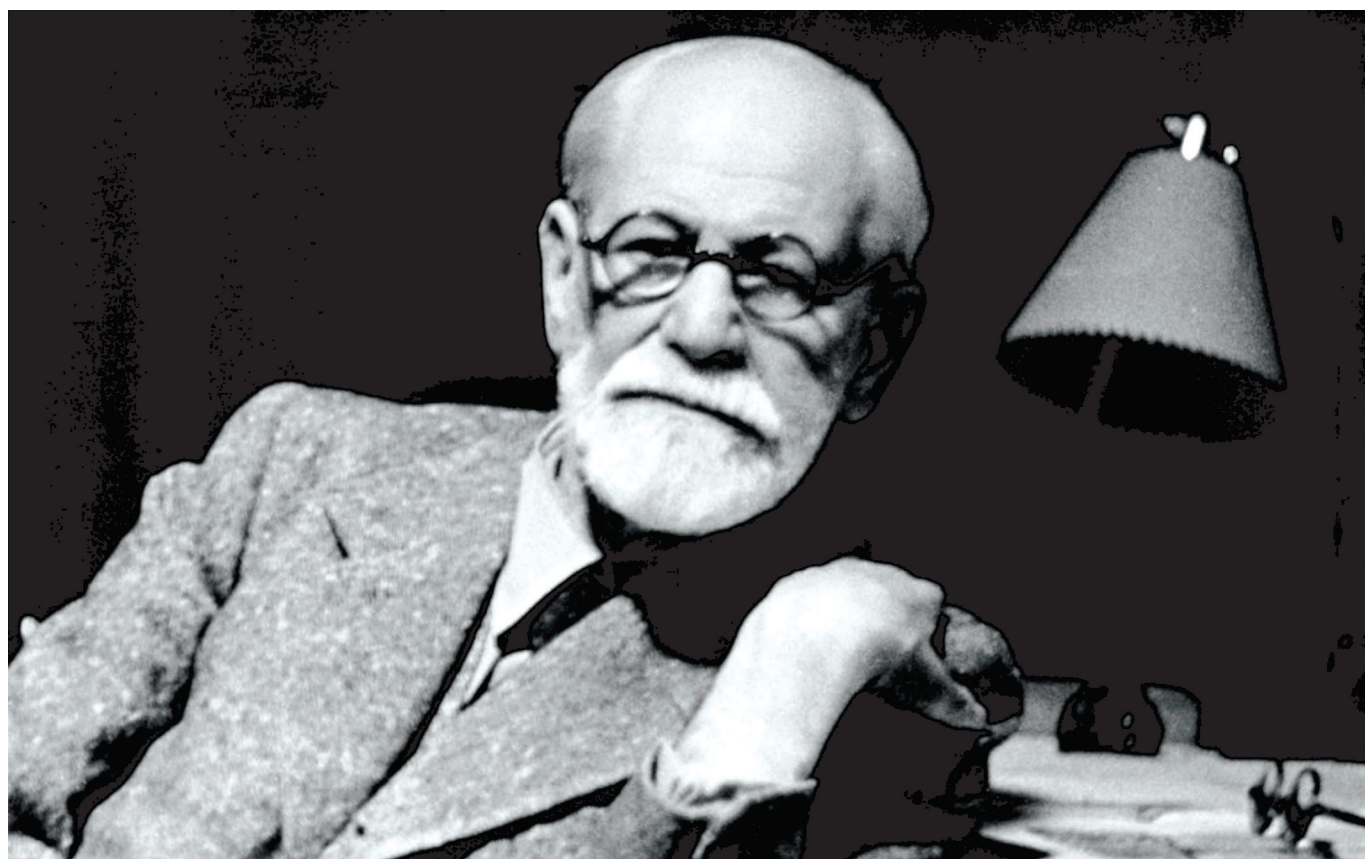
Tradução de Claudia Rossi



Quem fala assim é o grande explorador das profundezas da alma. Não existe outro mortal que, como Freud, tenha estado tão próximo de encontrar uma explicação para o insondável mistério do comportamento humano.

*Meus 70 anos me ensinaram a aceitar a vida com alegre humildade*

Nossa conversa foi em sua residência de verão em Semmering, nos Alpes austríacos. Freud tinha a face contraída, como se estivesse sofrendo. Sua mente permanecia alerta, sua cortesia continuava impecável, mas fiquei alarmado com a pequena dificuldade que demonstrava ao falar. Tinha se submetido a uma intervenção cirúrgica devido a uma doença maligna na mandíbula superior. Desde então, leva implantado um aparelho para facilitar a articulação.



**Sigmund Freud** — “Detesto essa mandíbula mecânica. A luta com esse mecanismo me faz desperdiçar uma energia preciosa. Mas prefiro ter uma mandíbula mecânica do que não ter nenhuma, a sobrevivência à extinção. Talvez, ao tornarem a vida impossível conforme envelhecemos, os deuses estejam mostrando compaixão. Afinal, a morte nos parece menos intolerante do que as múltiplas cargas que suportamos.”

Freud se recusa a admitir que o destino tenha sido rancoroso com ele

**Sigmund Freud** - “Por que deveria esperar um tratamento especial? A velhice, com seus manifestos incômodos, chega para todos. Atinge um homem aqui e outro ali. Seus golpes sempre atingem um lugar vital e a vitória final pertence inevitavelmente ao Verme Vencedor. Não me rebelo contra a ordem universal. Afinal, vivi 70 anos. Sempre tive o suficiente para comer. Desfrutei de muitas coisas: da camaradagem de minha mulher, de meus filhos, do pôr do sol. De vez em quando tenho a satisfação de apertar uma mão amiga. Em algumas ocasiões encontrei seres humanos que quase chegaram a me compreender. Que mais se pode pedir?”

**George Sylvester Viereck** — O senhor é famoso. Seu trabalho influenciou na literatura de todos os países. O homem vê a si próprio e contempla a vida com outros olhos graças ao senhor. E, por ocasião do seu septuagésimo aniversário, o mundo se uniu para prestar-lhe uma homenagem. Exceto a sua própria universidade.

**Sigmund Freud** — Se a Universidade de

Viena me tivesse oferecido seu reconhecimento, somente teria me envergonhado. Não existe razão alguma pela qual devam reconhecer-me a mim ou à minha doutrina só porque faço 70 anos. Não dou importância desmedida aos números. A fama nos chega depois da morte e, francamente, o que ocorrer depois da minha não me preocupa. Não desejo a glória póstuma.

**George Sylvester Viereck** — Para o senhor não significa nada que o seu nome sobreviva?

**Sigmund Freud** — Nada em absoluto. O futuro dos meus filhos me interessa mais. Espero que a vida deles não seja tão dura. Eu não posso torná-la mais fácil. A guerra (Primeira Guerra Mundial) praticamente acabou com a minha modesta fortuna, a poupança de toda uma vida. Por sorte, minha velhice não é uma carga muito pesada. Meu trabalho ainda me dá prazer. [Passeávamos pelo íngreme jardim de sua casa. Freud acariciou com ternura um arbusto]. Interessa-me muito mais esta planta do que qualquer coisa que possa ocorrer quando eu esteja morto.

**George Sylvester Viereck** — Então o senhor é, no fim das contas, um profundo pessimista?

**Sigmund Freud** - Não, não sou. Não permito que nenhuma reflexão filosófica complique minha fluidez com as coisas simples da vida

**George Sylvester Viereck** — O senhor crê na continuidade do ser após a morte, seja lá de qual forma for?

**Sigmund Freud** - Não penso nisso. Tudo o que vive perece. Por que o homem deveria ser uma exceção?

**George Sylvester Viereck** — O senhor gostaria de retornar à vida de alguma forma? Em outras palavras, não deseja a imortalidade?

**Sigmund Freud** — Sinceramente, não. Quando alguém percebe o egoísmo por trás de toda conduta humana, não sente o menor desejo de renascer. Me satisfaz saber que a eterna moléstia de viver chega finalmente ao fim. Nossa vida é composta, necessariamente, de uma série de compromissos. É uma luta sem fim entre o ego e o seu entorno. O desejo de prolongar a vida além do natural me parece absurdo. Não há razão para desejarmos viver mais tempo, mas são muitos os motivos para que queiramos fazê-lo com a menor quantidade possível de incômodos. Eu sou razoavelmente feliz

porque agradeço a ausência de dor e desfruto dos pequenos prazeres da vida, da presença de meus filhos e das minhas flores. É possível que a própria morte não seja uma necessidade biológica. Talvez morramos porque desejamos morrer. Do mesmo modo que em nosso interior convivem simultaneamente o ódio e o amor por uma pessoa, a vida combina o

desejo de sobrevivência com um ambivalente desejo de aniquilação. Como um elástico que tem a tendência de recuperar a sua forma original, a matéria viva, consciente ou inconscientemente, deseja conseguir de novo a inércia total e absoluta da existência inorgânica. O desejo de morte e o de vida convivem em nosso interior. A morte é o par natural do amor. Juntos, governam o mundo. Na sua origem a psicanálise assumia que o amor era o mais importante. Atualmente, sabemos que a morte é igualmente importante. Biologicamente, cada ser vivo, por

mais forte que arda nele o fogo da vida, tende ao nirvana, deseja que a febre chamada vida chegue ao seu fim. Podemos jogar com a ideia de que a morte nos alcança porque a desejamos. Talvez pudéssemos vencer a morte, se não fosse pelo aliado que ela tem dentro de nós. Assim, poderíamos dizer que toda morte é um suicídio encoberto.

**George Sylvester Viereck** — O senhor não aprova as tentativas do seu colega Steinach de prolongar o ciclo da existência humana?

**Sigmund Freud** — Steinach não faz nenhuma tentativa para prolongar a vida. Ele simplesmente luta contra a velhice. Ao aumentar a reserva de forças que temos dentro de nós, ele ajuda o corpo a resistir à doença. A operação de Steinach às vezes detém os acidentes biológicos, como o câncer, nos seus primeiros estágios. Ela toma a vida mais tolerável. Mas não a torna mais feliz. Não há razão para que o homem queira viver mais. Mas temos todas as razões para querer viver com o mínimo de desconforto possível. Sou bastante feliz, porque não sinto dores e sou grato aos pequenos prazeres da vida, aos meus filhos e às minhas flores!

**George Sylvester Viereck** — Bernard Shaw afirma que vivemos muito pouco.

Sigmund Freud, na varanda de sua casa de verão em Hohe Warte, 1933.



Ele encontra que o homem pode prolongar a vida se assim o quiser, levando sua vontade a agir sobre as forças da evolução. Ele acredita que pode recuperar a longevidade dos patriarcas.

**Sigmund Freud** - É possível que a morte em si não seja uma necessidade biológica. Talvez morremos porque desejamos morrer. Assim como o amor e o ódio por uma pessoa vivem em nosso peito ao mesmo tempo, toda a vida é uma mistura do desejo de viver com o desejo ambivalente de morrer. Do mesmo modo que um pequeno elástico tende a assumir a forma original, toda matéria viva, consciente ou inconscientemente, busca readquirir a completa, absoluta inércia da existência inorgânica. A pulsão de vida e a pulsão de morte convivem lado a lado dentro de nós. A Morte é a companheira do Amor. Juntos, eles regem o mundo. Isto é o que diz o meu livro, Além do princípio do prazer. No início da psicanálise se supunha que o Amor era o mais importante. Agora sabemos que a Morte é igualmente importante. Biologicamente, todo ser vivo, não importa quão intensamente a vida arda dentro dele, anseia pelo Nirvana, pela fim da febre chamada vida. O desejo pode ser disfarçado por digressões. Entretanto o objetivo final da vida é a própria extinção!

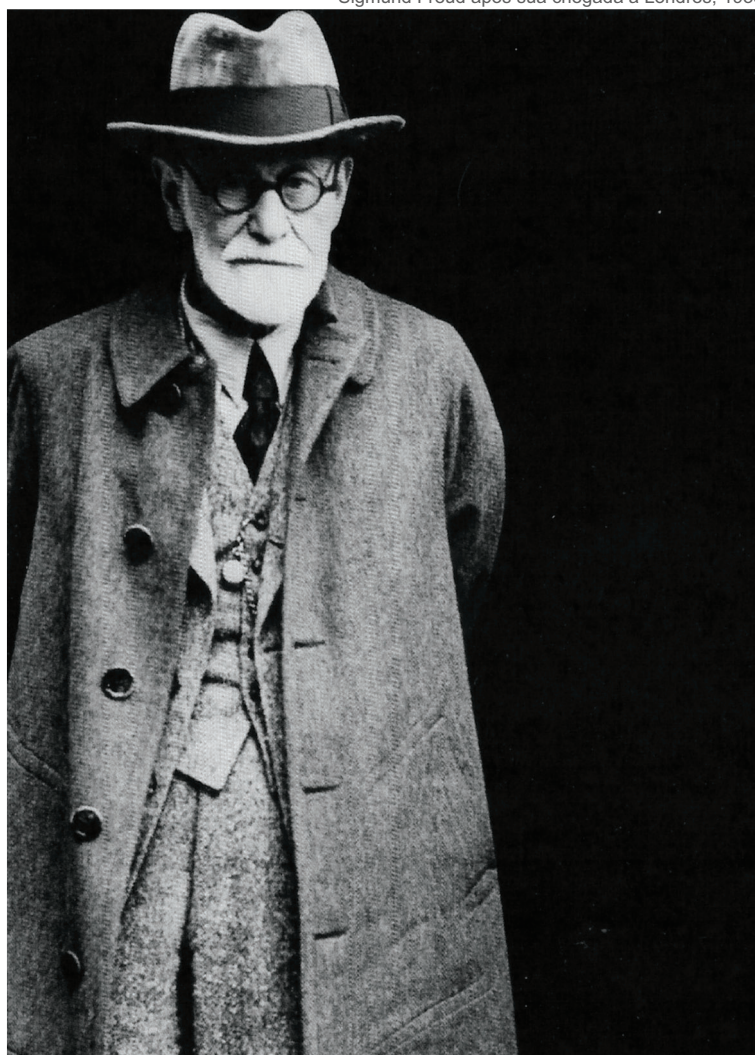
**George Sylvester Viereck** — Isso é a filosofia da autodestruição. Ela justifica o autoextermínio. Levaria à conclusão lógica do suicídio mundial previsto por Eduard von Hartmann.

**Sigmund Freud** — A humanidade não escolhe o suicídio, porque as leis da sua natureza não aprovam o caminho direto para seu próprio fim. A vida deve

completar o seu ciclo de existência. Em todo ser normal, a pulsão de vida é forte o bastante para contrabalancear a pulsão de morte, embora, no final, esta prove ser mais forte. Podemos nos entreter com a fantasia de que a morte nos chega por nossa própria vontade. Seria mais possível que não pudéssemos vencer a morte porque na realidade ela é uma aliada dentro de nós. Neste sentido (acrescentou Freud com um sorriso) pode ser justo dizer que toda morte é um suicídio disfarçado.

(Estava fazendo frio no jardim. Continuamos a conversa na antessala. Vi uma pilha de manuscritos sobre a mesa, com a caligrafia clara de Freud)

Sigmund Freud após sua chegada a Londres, 1938



**George Sylvester Viereck** — Em que o senhor está trabalhando?

**Sigmund Freud** — Escrevo uma defesa da psicanálise secular. Pretendem tornar ilegal a prática por pessoas que não sejam médicos em exercício. A história, essa velha plagiária, se repete sempre que há uma descoberta. Inicialmente, os doutores se opõem impetuosamente a toda verdade nova. Imediatamente depois, tentam monopolizá-la.

**George Sylvester Viereck** - O senhor teve muito apoio dos leigos?

**Sigmund Freud** - Alguns dos meus melhores discípulos são leigos.

**George Sylvester Viereck** - O senhor tem praticado muito a psicanálise?

**Sigmund Freud** - Certamente. Neste momento estou trabalhando em um caso muito difícil, tentando desatar conflitos psíquicos de um paciente novo interessante. Minha filha também é psicanalista como o senhor pode ver.

(Nesse momento apareceu Anna Freud, acompanhada de seu paciente, um jovem de onze anos, de feições inconfundivelmente anglo-saxônicas)

**George Sylvester Viereck** — O senhor já se analisou?

**Sigmund Freud** — Obviamente. O psicanalista deve analisar-se constantemente. Aumenta nossa capacidade de analisar os outros. O psicanalista é como o bode expiatório dos hebreus. Os demais depositam nele os seus pecados. Ele deve praticar sua arte com perfeição para liberar-se dos fardos carregados sobre ele.

**George Sylvester Viereck** — Sempre pensei que a psicanálise necessariamente induzisse naqueles que a praticam a caridade cristã. Não há nada na existência humana que a psicanálise não nos ajude a compreender.

**Sigmund Freud** — Compreender tudo não é perdoar tudo. A psicanálise ensina que devemos evitar. Tolerar o mal não é em absoluto um corolário do conhecimento. Meu idioma é o alemão. Minha cultura e minhas conquistas são alemãs. Intellectualmente, me considerei alemão até perceber que os preconceitos antisemitas iam aumentando na Alemanha e na Áustria. A partir

de então, deixei de considerar-me alemão. Prefiro definir-me como judeu.

(Senti-me decepcionado. Ao meu ver, o espírito de Freud devia voar mais alto, acima de qualquer preconceito racial, e permanecer à margem do rancor pessoal. Não obstante, sua indignação, sua justa cólera, o faziam humanamente muito mais atraente).

**Sigmund Freud** - Minha língua é o alemão. Minha cultura, minhas realizações são alemãs. Eu me considero um intelectual alemão, até que percebi o crescimento do preconceito antisemita na Alemanha e na Áustria. Desde então prefiro me considerar judeu.

**George Sylvester Viereck** — Agrada-me descobrir, professor, que o senhor também tem seus complexos e que demonstre que também é um mortal.

**Sigmund Freud** — Nossos complexos são a causa de nossa fraqueza; mas também, constantemente, são a nossa fortaleza.

**George Sylvester Viereck** - Imagino quais seriam meus complexos!

**Sigmund Freud** - Uma análise séria dura mais ou menos um ano. Pode durar igualmente dois ou três anos. O senhor está dedicando muitos anos da sua vida à “caça dos leões”. O senhor procurou sempre as pessoas destacadas da sua geração: Roosevelt, O Imperador, Hindenburgh, Briand, Foch, Joffre, Georg Bernard Shaw...

**George Sylvester Viereck** - Faz parte do meu trabalho.

**Sigmund Freud** - Mas também é sua preferência. O grande homem é um símbolo. Sua busca é a busca do seu coração. O senhor também está procurando o grande homem para tomar o lugar de seu pai. Faz parte do seu complexo com seu pai.

(Neguei veemente a afirmação de Freud. Entretanto, refletindo sobre isso, me parece que pode haver uma verdade, insuspeita para mim, em sua sugestão casual. Pode ser o mesmo que o impulso que me levou a ele).

**George Sylvester Viereck** - No seu trabalho "O Judeu Errante", o senhor estende essa busca ao passado. O senhor é o eterno Explorador do Homem. Gostaria - observei após um momento - poder ficar aqui o bastante para vislumbrar meu coração através dos seus olhos. Talvez, como a Medusa, eu morresse de pavor ao ver minha própria imagem! Entretanto acho que conheço bastante a psicanálise. Eu iria prever, ou tentar prever, as suas intenções.

**Sigmund Freud** - A inteligência em um paciente não é um impedimento. Pelo contrário, muitas vezes facilita o trabalho.

(Neste ponto o mestre da psicanálise difere bastante de seus seguidores, que não gostam muito da segurança do paciente que têm sob sua supervisão. A maioria dos psicanalistas emprega o método da "livre associação" de Freud. Eles encorajam o paciente a dizer qualquer coisa que lhes venha à cabeça, não importando o quanto o que dizem possa ser idiota, obsceno, inoportuno ou irrelevante. Seguindo pistas que parecem

não ter importância, encontram os dragões psíquicos que assustam o paciente, afugentando-os. Eles não apreciam o desejo de cooperação ativa do paciente, pois têm medo que, quando descoberta a direção da sua investigação, os desejos e a resistência do paciente lutem inconscientemente para manter seus segredos, desviando o caçador psíquico da sua pista. Freud também reconhece esse perigo).

**George Sylvester Viereck** — Algumas vezes me pergunto se não seríamos mais felizes sabendo menos dos processos que dão forma aos nossos pensamentos e emoções. A psicanálise rouba da vida seu último encanto, ao relacionar cada sentimento ao seu grupo original de complexos. Não nos tornamos mais felizes descobrindo que todos abrigamos o criminal e o animal dentro de nós.

**Sigmund Freud** — O que você tem contra os animais? Eu prefiro muito mais a companhia dos animais.

**George Sylvester Viereck** — Por quê?

**Sigmund Freud** — Porque são muito mais simples. Não têm uma personalidade dividida, não sofrem a desintegração do ego que surge da tentativa do homem de adaptar-se à regras da civilização. O selvagem, como a besta, é cruel, mas está livre da mesquinha própria do ser civilizado. A mesquinha é a maneira que o homem tem para vingar-se da sociedade pelas restrições que esta lhe impõe. É o sentimento vingativo que anima o reformista e o fofoqueiro. Um selvagem pode nos cortar a cabeça, nos devorar, nos torturar, mas nos poupará das pequenas e contínuas ferroadas que, às vezes, fazem que a vida em uma comunidade civilizada seja quase intolerável. Os hábitos e idiossincrasias mais desagradáveis do homem, sua falsidade, sua covardia, sua falta de respeito, são produtos de uma adaptação incompleta a uma civilização complexa. São o resultado do conflito entre nossos instintos e nossa cultura. Muito mais satisfatórias resultam as simples e intensas emoções de um cachorro que agita o rabo quando está contente ou late para manifestar irritação!

**George Sylvester Viereck** - Meu cachorro é um doberman Pinscher chamado Ajax.

**Sigmund Freud** - (sorrindo) Me alegra saber que não possa ler. Ele seria certamente o membro menos querido da casa se pudesse latir sua opiniões sobre os traumas psíquicos e o complexo de Édipo!



Martha Bernays e Sigmund Freud, 1885 em Wandsbek



Sigmund Freud com sua filha Anna nas Dolomitas, 1913

**George Sylvester Viereck** — Talvez o senhor seja o responsável, ao menos em parte, pelas complicações da civilização moderna. Antes da invenção da psicanálise, não sabíamos que nossa personalidade está sob o domínio de uma beligerante hoste de complexos. A psicanálise converteu a vida em um complicado quebra-cabeça.

**Sigmund Freud** — Em absoluto. A psicanálise simplifica a vida. Depois de analisarmos, conseguimos uma nova síntese. A psicanálise reorganiza o labirinto de impulsos dispersos e tenta encaixá-los na meada a que pertencem. Ou, para mudar de metáfora, proporciona o fio que permite ao homem sair do labirinto de seu próprio inconsciente.

**George Sylvester Viereck** - Ao menos superficialmente, parece que a vida humana nunca foi tão complexa. Cada dia uma nova ideia proposta pelo senhor

ou por seus discípulos torna o problema do comportamento humano mais intrigante ou mais contraditório.

**Sigmund Freud** - A psicanálise, pelo menos, jamais fecha a porta de uma nova verdade.

**George Sylvester Viereck** - Alguns de seus alunos, mais ortodoxos que o senhor, se agarram a cada pronunciamento que sai de sua boca.

**Sigmund Freud** - A vida muda. A psicanálise também muda. Estamos apenas no começo de uma nova ciência.

**George Sylvester Viereck** — Tenho a impressão de que a estrutura científica que o senhor construiu é altamente elaborada. Seus elementos fixos (a teoria da 'substituição', da 'sexualidade infantil', a 'simbologia dos sonhos' etc.) parecem inamovíveis.

**Sigmund Freud** — Eu repito, pois, que estamos apenas no início. Sou apenas um principiante. Consegui desenterrar monumentos enterrados nos substratos da mente. Mas ali onde eu descobri alguns templos, outros poderão descobrir continentes.

**George Sylvester Viereck** — Continua pondo o máximo de ênfase no sexo?

**Sigmund Freud** — Respondo com as palavras do grande poeta, Walt Whitman: “Mas não haveria nada, se não houvesse o sexo”. Entretanto, já lhe expliquei que agora ponho a ênfase quase igualmente àquilo que está “mais além” do prazer - a morte, a negociação da vida. Este desejo explica porque alguns homens amam a dor - ela representa um passo para a morte. O desejo da morte explica por que todos os homens procuram o descanso eterno, por que os poetas agradecem:

*Whatever gods there be,  
That no life lives forever  
And even the weariest river  
Wind somewhere safe to sea.*

*“Quaisquer que sejam os deuses,  
Não há vida que viva para sempre  
E até o rio mais enfatiado  
Segue confiante na direção do mar”.*

**George Sylvester Viereck** - Shaw, como o senhor, não deseja viver para sempre, mas, diferentemente do senhor, ele considera o sexo desinteressante.

**Sigmund Freud** - (Sorrindo) Shaw não compreende o sexo. Ele não tem nem a mais remota concepção do amor. Não há um verdadeiro

caso amoroso em nenhuma de suas peças. Ele transforma em humor o amor de Julio César - talvez a maior paixão da história. Deliberadamente, talvez maliciosamente, ele despoja a Cleopatra de toda grandeza, rebaixando-a a uma moça simples e insignificante. A razão para a estranha atitude de Shaw frente ao amor, pela sua negação do móbil de todas as coisas humanas que emanam de suas peças, apesar de seu enorme alcance intelectual, é inerente à sua psicologia. Em um de seus prefácios, ele mesmo enfatiza o traço ascético de seu temperamento. Posso ter cometido muitos erros, mas estou completamente seguro de que não me equivoquei ao considerar predominante o instinto sexual. Dado que se trata de um instinto tão poderoso, choca-se com especial frequência com as convenções e salvaguardas da civilização. Como mecanismo de autodefesa, a humanidade tenta negar a sua suprema importância. Analise qualquer emoção humana, não importa o quão distante pareça estar da esfera sexual, e seguramente descobrirá em algum lado o impulso primário, ao qual a própria vida deve a sua perpetuação.

**George Sylvester Viereck** - O senhor sem dúvida foi bem seguido ao transmitir esse ponto de vista aos escritores modernos. A psicanálise deu novas intensidades à literatura.

**Sigmund Freud** - Também recebi muito da literatura e da filosofia. Nietzsche foi um dos primeiros psicanalistas. É surpreendente ver até que ponto sua intuição prenuncia as novidades descobertas. Ninguém além dele identificou mais profundamente os

Em sua mesa, lendo "Abriß der Psychoanalyse". Londres, 1938.





motivos duais do comportamento humano e da insistência do princípio de prazer em predominar indefinidamente. Em Zaratrusta diz: “Desgraça. Grito: Vá! Mas o prazer implora por eternidade, Implora insaciável, profunda eternidade”. A psicanálise pode ser menos discutida na Áustria e na Alemanha que nos Estados Unidos, mas sua influência sobre a literatura é imensa. Thomas Mann e Hugo Von Hofmannsthal nos devem muito. Schnitzler acompanha em grande medida um caminho que é paralelo ao meu próprio. Ele expressa poeticamente o que eu tento comunicar cientificamente. Mas o Dr. Schnitzler não é só um poeta, é também um cientista.

**George Sylvester Viereck** - O senhor não só é um cientista, mas, também, um poeta. A literatura americana está impregnada pela psicanálise. Rupert Hughes, Harbrey O'Higgins e outros são seus intérpretes. É quase impossível abrir um novo romance sem encontrar alguma referência à psicanálise. Entre os dramaturgos Eugene O'Neill e Sydney Howard têm uma grande dívida com o senhor. “The Silver Cord” por exemplo é simplesmente uma dramatização do complexo de Édipo.

**Sigmund Freud** - Eu sei e entendo o cumprimento que há nessa afirmação. Mas tenho certa desconfiança de minha popularidade nos Estados Unidos. O interesse americano pela psicanálise não se aprofunda. A popularização leva a psicanálise à aceitação sem que a estudem seriamente. As pessoas apenas repetem as frases que aprendem no teatro ou nas revistas. Acha que compreendem algo da psicanálise porque conseguem repetir nosso jargão. Eu

prefiro o estudo mais intenso da psicanálise, tal como ocorre nos centros europeus, ainda que os Estados Unidos sejam o primeiro país a reconhecer-me oficialmente. A Clark University me concedeu um diploma honorário quando eu ainda era ignorado na Europa. Entretanto, os Estados Unidos fazem poucas contribuições originais à psicanálise. Os americanos são generalizadores inteligentes, raramente pensadores criativos. Os médicos nos Estados Unidos, e ocasionalmente também na Europa, monopolizam para si a psicanálise. É sempre um impedimento quando certas concepções científicas tradicionais estão arraigadas no cérebro.

(Freud tem que dizer a verdade a qualquer preço! Ele não pode se obrigar a agradar os Estados Unidos, onde está a maioria de seus seguidores. Apesar da sua rudeza, Freud é a urbanidade em pessoa. Ele ouve pacientemente cada intervenção, procurando nunca intimidar o entrevistado. É raro um visitante partir sem um presente, algum de sinal de hospitalidade! Havia escurecido. Estava na hora de pegar o trem de volta à cidade que uma vez abrigara o esplendor imperial dos Habsburgo. Acompanhado de sua esposa e de sua filha, Freud subiu a escada que o afastava de seu refúgio na montanha para se despedir de mim. Ele me pareceu cansado e triste ao me dar adeus).

**Sigmund Freud** - Não me faça parecer um pessimista.

*Não desprezo o mundo. Mostrar desprezo ao mundo é só uma forma a mais de adulá-lo para obter reconhecimento. Não, não sou pessimista, não enquanto tiver meus filhos, minha mulher e minhas flores. E não me sinto infeliz. Ao menos, não mais do que os outros.*

(O apito do meu trem soou na noite. O carro me conduzia rapidamente para a estação. Apenas consegui ver Sigmund Freud ligeiramente curvada e a cabeça grisalha que desapareciam à distância. Como Édipo, Freud olhou fundo nos olhos da Esfinge. O monstro propõe seu enigma para qualquer viajante. O andarilho que não souber a resposta será cruelmente agarrado e atirado contra as rochas. Mesmo assim, ela talvez seja mais gentil com aqueles que destrói do que com os que adivinham seu segredo.)

\*Entrevista feita por George Sylvester Viereck, em 1926, e publicada no livro "Glimpses of the Great". No Brasil, a entrevista foi publicada originalmente no livro "A Arte da Entrevista: Uma Antologia de 1823 aos Nossos Dias", organizado por Fábio Altman (Scritta 1995). Esta edição, republicada pela Revista Bula, foi publicada no jornal "Folha de S. Paulo", em 1998, com tradução de Claudia Rossi.

Diagramação e montagem: paula.maribondo

